

Observação e experiência de aprendizagem musical com os ogãs de um centro umbandista de Campinas-SP

Nathan Tejada de Podestá¹

RESUMO:

Este artigo consiste em um relato crítico, sob a luz de Ortiz (1999), da minha experiência com os ogãs da Comunidade Espírita Umbandista Girassol – CEUG. Tento observar como se desenvolvem seus processos de educação musical através das forças sociais que agem sobre os indivíduos na comunidade e determinam os seus comportamentos em relação aos conhecimentos. Pode-se observar que suas aprendizagens desenvolvem-se vinculadas às práticas rituais coletivas e não são sistematizadas através de um currículo pré-definido. Elas incluem aprendizagens musicais, de valores sociais, morais, religiosos, bem como a aprendizagem da função de um ogã no culto ritualístico. Contudo, suas práticas e seus conhecimentos são organizados e existem regras lógicas que estruturam a tentativa de implantação da comunidade umbandista enquanto instituição social que visa atender pessoas desassistidas pelo poder público ou atordoadas por problemas pessoais. Obviamente os ogãs constituem apenas uma parcela da comunidade umbandista que é dirigida pelo Babalorixá Edilson Marcos Vicentin. Observando a tentativa de sistematização de suas práticas, percebemos que o ritual não pode ser sistematizado, mas as regras que o organizam e se aplicam a todos sim. Pode-se perceber também que as práticas religiosas estão em constantes transformações e isso obriga que os ogãs desenvolvam estratégias de aprendizagem para satisfazer as exigências por novos saberes que a atuação no culto lhes impõe. Muitos ogãs possuem grande domínio da utilização da música no ritual, que decorre de suas experiências vivenciadas uns com os outros, com os Orixás e os espíritos que submetidos à hierarquia religiosa umbandista. Existe uma hierarquização do cosmo religioso e da comunidade social e uma rede de interdependência entre eles. Os relacionamentos que se desenvolvem resultam em trocas de informações e na formação (muitas vezes inconsciente) de conceitos e crenças que encontram sua sustentação no âmbito da fé.

Palavras chave: Música e Umbanda; Aprendizagem musical não-escolar; Ogã; Ensino-aprendizagem musical.

ABSTRACT:

This article is about my own experience together with the Ogãs in the Spiritual Community of Umbanda's religion called Girassol – CEUG. It is also a analyze that is refer to Ortiz (1999). From the beginning I try to observe how is developed their musical education process. It can be observed that these learning are linked to the rituals practice made in groups non-systematic by a defined curriculum. There are included musical experiences with different values such as morals, socials, and the role of an Ogã in the ritual practice. However, these practices and knowledges are organized by some logical rules in the community of Umbanda as a social institution that aims the forgotten people by the government or problematic people by personal reasons. Obviously the Ogãs are just a part of the community that is directed by Edilson Marcos Vicentin, the Babalorixá. Is interesting to observe that the ritual is not systematized, but the rules that organize it are. We can realize that the religious practices are always changing and the Ogãs have to develop strategies of these new studies to apply in what they are already performing during the cult. Many Ogãs developed a great domain of

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Música da UNICAMP.

musical skills just because their own experience together others Ogãs, Orishas and spirits who are submissive to the hierarchical thought of the religion of Umbanda. There are different levels in the group construction (social, and religious cosmos) for this ritual which the member regards the hierarchy, and they are somehow dependent from it, no matter the personal position. Relationships results in the construction of concepts and beliefs of the group that is sustained by their Faith.

Keywords: Music of the Umbanda Religion; Music Learning Process Non-School; Ogã; Music Teaching and Learning Strategies.

1. Vivência na comunidade - Primeiros passos

A Comunidade Espírita Umbandista Girassol fica localizada na Rua Denizard Marcelino, 73, no bairro Ouro Preto, próxima ao terminal Ouro Verde em Campinas-SP. Conheci a comunidade através da cantora Maíra Rodrigues, com quem toco desde 2009. Em meados de 2010 fui convidado por ela para participar de um evento beneficente, cuja renda seria destinada a projetos sociais que são dirigidos por esta comunidade da qual ela faz parte. Aceitei participar, tocando junto com ela e o percussionista Ding Dong durante o evento.

Nesta ocasião me interessei pelo trabalho social que é desenvolvido pelos membros da comunidade e decidi conhecer também o culto umbandista, coisa que era totalmente fora do meu entendimento. Apesar de alguns preconceitos que decorriam de minha formação religiosa católica ortodoxa, pude observar um culto religioso assistencialista e desinteressado da exploração financeira de seus fiéis e um universo cultural rico em simbologias, crenças, mitos, ritos, música e dança.

Um interesse crescente neste universo cultural tomou conta de mim, principalmente pela relação que se estabelecia entre a música e o ritual e pelo papel dos ogãs, pessoas que tocam instrumentos de percussão e cantam durante o culto. Passei a frequentar a comunidade com o intuito de entender melhor esta relação. Tive o aval do Babalorixá Edilson Marcos Vicentin para realizar uma pesquisa de campo entre os médiuns durante os trabalhos espirituais e a permissão das entidades espirituais que comandam o culto para tocar seus “instrumentos sagrados”. Pude adentrar a corrente mediúnica com equipamentos e fazer anotações, fotos e gravações. Convivi com os ogãs e pude observar como eles aprendem a tocar os instrumentos e se desenvolvem conforme a prática no ritual.

Tal experiência me ajudou a ter uma visão mais completa das forças que agem sobre os indivíduos dentro desta estrutura hierárquica, induzindo a disposições de modos de agir,

pensar, se comportar e atuar nas diversas situações que estão inseridos². Deste modo foi possível observar e vivenciar um processo de aprendizagem musical não-escolar, difuso, imerso numa cultura em que a lógica oral de transmissão dos conhecimentos tem grande peso.

1.1- Música na comunidade - os ogãs

Pude perceber, através da pesquisa de campo que há uma relação direta entre o que é tocado pelos ogãs e o acontecimento do ritual. Os ritmos tocados (toques) e as letras cantadas (pontos) por eles conduzem o ritual e dialogam com ele. Pode-se observar que ogãs constituem uma força vital à estrutura religiosa impulsionando-a com diferentes ritmos e conteúdos específicos para cada momento do ritual.

Observa-se assim que a música na comunidade tem um fim específico que se realiza durante o ritual coletivo. Por sua função ritualística, ela é dotada de uma “aura” simbólica, ou seja, é valorizada por ser considerada um instrumento autêntico de evocação, louvação e saudação das divindades que estabelecem o culto.³ Para os umbandistas, é um canal de comunicação entre os homens e as entidades espirituais que mediam a relação com os mais altos níveis da hierarquia divina. Ao mesmo tempo faz com que as pessoas que fazem parte da corrente mediúnica e assistem o ritual estejam conectadas por um conteúdo ideológico e semântico que a música carrega, que estejam deste modo em uma sintonia mental que entende-se ser necessária para o desenrolar do rito. Assim, os ogãs são considerados tipos de “sacerdotes” que realizam a circulação das energias pelo terreiro conduzindo os trabalhos espirituais.

De acordo com Ortiz (1999), os pontos, cânticos que evocam os espíritos, “têm uma dupla função: eles louvam a existência e a manifestação das entidades espirituais, ao mesmo tempo se impregnam de uma força mágica que tem o poder de atrair as divindades para o mundo dos homens” (ORTIZ, 1999, p. 106). Eles são associados aos sons percussivos de instrumentos que amplificam suas forças: atabaques, berimbaus, caxixis, agogôs e pandeiros. Dentre eles o atabaque é o instrumento primordial e em si é considerado pelos umbandistas um instrumento sagrado cujas vibrações sonoras ressoam na Aruanda espiritual – na fé umbandista um plano espiritual hierarquicamente superior à terra de onde acredita-se “descer” as entidades espirituais. Os pontos e os toques unem-se e completam-se para formar um

² Tal investigação do *habitus* individual como meio de compreender os processos de aprendizagem musicais dos indivíduos faz parte da pesquisa de mestrado que desenvolvo sob orientação do Prof. Dr. Jorge L. Schroeder e fundamenta-se em conceitos de Bourdieu (1996) e Lahire (2002).

³ Sobre a função ritualística da obra de arte e a aura que se vincula a ela, ver Benjamin (1973).

importante instrumento de comunicação, evocação e manipulação de energias que é utilizado pelos ogãs durante o culto ritualístico.

2. A comunidade e suas crenças: ambiente sócio-cultural de aprendizagem dos ogãs

Ao dirigirmos a atenção para o universo de aprendizagem dos ogãs somos necessariamente levados a investigação de seu mundo religioso que os faz partilhar experiências, adquirir conhecimentos e estabelecer suas ideologias e crenças. Para isso é importante termos em mente dois pontos: 1) as organizações religiosas constituem elementos da cultura de um povo e como tais são historicamente desenvolvidas em sociedade.⁴ Por mais que possa haver tentativas de comprovação científica dos fatos que edificam a fé, as religiões em si tratam-se de construções sociais humanas que se realizam com a observação, a seleção, a invenção, a organização e a difusão de certos costumes e crenças que se consolidam no âmbito da tradição e da fé coletiva; 2) embora as observações do universo sagrado umbandista e das relações e ações que os indivíduos estabelecem por meio das práticas religiosas não sejam o foco deste trabalho, constitui dele um elemento importante, pois contribuem para a compreensão da organização do pensamento coletivo-individual e do desenvolvimento dos processos de aprendizagem individuais. Não se trata, portanto, de questioná-los, mas de considerá-los para que possa compreender o desenvolvimento que se dá por meio deles. Ao levarmos em consideração estes pontos podemos avançar seguramente neste universo.

A corrente mediúnica da CEUG é composta por cem membros, entre médiuns, cambones e ogãs que se alternam entre os dias de trabalho espiritual. Os médiuns “recebem” os espíritos, através dos rituais de incorporação, os cambones auxiliam os médiuns incorporados e os assistentes do culto, e os ogãs tocam e cantam durante o ritual conduzindo-o e ajudando a estabelecê-lo. Existe uma organização hierárquica que na CEUG pode ser estruturada assim: o Babalorixá ocupa o topo da hierarquia, abaixo dele vêm os Pais e Mães Pequenas, em seguida os cambones, depois os ogãs, demais médiuns e assistentes. Embora haja esta gradação hierárquica, o ritual se estabelece pela relação entre todos os níveis. Mesmo os assistentes que aparentemente não realizam nenhuma função específica no rito são importantes, pois é por conta deles que as entidades espirituais “descem” para realizar seus trabalhos de caridade.

⁴ A cultura como uma invenção humana é premissa epistemológica desta pesquisa.

Os trabalhos espirituais na CEUG acontecem às quartas e sextas-feiras e são abertos para a participação popular no primeiro dia, quando atraem cerca de setenta pessoas que procuram ajuda espiritual. Os cultos são conduzidos pelas entidades espirituais, espíritos que através dos médiuns conduzem: bênçãos, passes - consultas individuais e energizações (retirada dos maus fluidos energéticos do corpo) e firmezas – através de práticas que incluem, entre outras coisas orações, oferendas, velas e defumações com incensos e cachimbos.

Estes espíritos somente incorporam nos médiuns que estão preparados para “servirem de cavalo” para eles mediante a aprendizagem e o desenvolvimento mediúnico. Na incorporação os corpos dos médiuns são conduzidos pelas vibrações espirituais evocadas pelos toques e pontos cantados e entram num estado progressivo de vibração que parece fazer com que seus espíritos se desloquem de seus corpos para dar lugar a outros espíritos: as entidades religiosas umbandistas. Neste processo normalmente são, os “santos” umbandistas, Orixás através de suas falanges (espíritos subordinados a eles) que assumem os corpos dos médiuns. Oxalá, Xangô, Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Yemanjá, Oxum, Oxumaré, Nanã, Iansã, Cosme e Damião e Exu “descem” até o centro espírita para trabalharem a favor dos fiéis.⁵

Pode-se observar assim que os ogãs não tocam e cantam para seus “santos”, mas tocam e cantam junto com eles, ajudando-os na composição do ambiente ideal para a realização dos seus trabalhos. Percebe-se aqui a importância dos ogãs no culto, pois são suas ações que determinam o estabelecimento do rito e decorre que a performance musical tende a ser uma experiência desafiante e gratificante para os ogãs. O ogã alabê (mestre dos ogãs) Murilo Vicentin, por exemplo, afirma gostar da responsabilidade de tocar no culto onde observa também a “realização das entidades, por conseguirem realizar seus trabalhos e por dançarem a nossa frente agradecendo os toques.” (Entrevista realizada em 09/05/2012)

É interessante notar que apesar da proximidade dos fiéis com suas divindades, possibilitada pelos rituais de incorporação, a comunicação com o plano espiritual não se realiza diretamente por meio dos Orixás (que para os umbandistas estão num plano espiritual muito evoluído em relação aos homens) - mas através das suas falanges, espíritos mediadores. De acordo com Ortiz (1999) o pensamento umbandista associa os Orixás a estes espíritos por meio de uma fusão com a teoria espiritual de Alan Kardec. Para esta teoria, a estrutura do mundo espiritual é hierárquica e o pensamento monoteísta da umbanda a organiza da seguinte

⁵ Digo normalmente porque pode ocorrer também de espíritos desencarnados, que fizeram parte do ciclo de relacionamentos pessoais dos indivíduos que procuram o auxílio do espiritismo umbandista, se manifestarem no centro. Seja em trabalhos de desobsessão espiritual, quando são afastados aqueles espíritos que travancam o desenvolvimento dos indivíduos, ou em situações em que a crença da continuidade da vida após a morte presenteia os indivíduos com um reencontro transcendental com aqueles que já morreram.

forma: Deus (também chamado de Zambi, Oxalá, Tupã, Olorum, ou Ifá) está no controle do mundo espiritual e terreno. Submissos ao seu poder e vontade estão todos os outros Orixás e suas falanges. Deus utiliza estes espíritos para conduzir a história dos homens na terra, que também estão submetidos ao seu poder. Pode-se dizer que, para eles, o bem e o mal estão nas mãos de um só deus e todos os indivíduos na terra estão sob a influência das forças divinas/espirituais⁶. (ORTIZ, 1999,p. 78-91).

Deste modo, é por meio dos espíritos mediadores (mais próximos dos infortúnios terrenos) que se instauram as mais íntimas relações entre os homens e as divindades e acontecem importantes mediações que orientam caminhos de aprendizagem para os membros da religião. Caboclos, Preto-Velhos, Ibejis (Crianças), Baianos, Boiadeiros, Marinheiros, Ciganos, e Exus constituem o universo de representações de classes de espíritos que têm a permissão de trabalhar neste centro umbandista em prol das evoluções dos homens na terra e na hierarquia divina.⁷ Cada uma dessas linhas é composta por uma infinidade de espíritos que se comunicam com os adeptos da religião. Os umbandistas dão muito valor às suas palavras, conselhos e ensinamentos, pois entendem que elas vêm de indivíduos que estão em outro plano espiritual, ou seja, que já fizeram a passagem da vida carnal para a vida espiritual. Acredita-se que deste patamar pode ser possível enxergar com clareza as forças energéticas que agem sobre os indivíduos por meio das atitudes, palavras ou pensamentos - que lhe são dirigidos, ou que eles próprios realizam - e que os esquemas perceptivos dos cinco sentidos humanos não permitem captar em totalidade.

Por conta disso, estes espíritos despontam como referências, de conhecimentos das práticas religiosas e sabedoria dos infortúnios humanos, para os adeptos da religião. São espécies de professores não-formais, que transmitem ensinamentos durante o culto e cujas palavras são valorizadas pela crença em suas evoluções espirituais. A letra de um ponto dedicado a Pai Pedro ajuda a delimitar este raciocínio:

⁶ Contudo, é interessante notar que a variedade de entidades religiosas que constituem o universo sagrado umbandista e provém da fusão do catolicismo com o espiritismo e o candomblé que deu origem a religião, induz ao pensamento de que há múltiplos deuses que comandam cada um a uma alçada do mundo terreno. É o que confirma o Babalorixá Edilson Marcos Vicentin, para quem a umbanda é uma religião politeísta. (Em entrevista realizada em 12/05/2012)

⁷ Para Edilson Marcos Vicentin, a energia do Orixá Exu é a que mais se aproxima da humana. Ao mesmo tempo que é um Orixá e comanda uma falange, seus subordinados (que podem se comunicar com os adeptos da religião por meio da incorporação mediúnica) carregam seu nome. É ao mesmo tempo um Orixá e uma linha. As outras linhas embora tenham nomes particulares também trabalham na energia de certos Orixás, como, por exemplo, os Caboclos que estão subordinados a Oxóssi e os Ibejis (crianças) a São Cosme e Damião. (Entrevista realizada em 12/05/2012)

“Conheci um Preto-velho, ele veio de Aruanda. Ele é preto ele é negro ele é, é meu mestre na umbanda. Ele se chama Pai Pedro, é meu mestre na Umbanda. Ele é quem abençoou, ele é quem nos batizou, pra trabalhar na umbanda.”

Percebe-se a legitimidade que é atribuída à entidade que abençoa e batiza e a valoração que lhe atribui à função de mestre. Pode-se perceber, através da vivência na comunidade, que a mediação destes espíritos é muito importante no desenvolvimento dos processos de aprendizagem dos indivíduos que frequentam a religião. Eu mesmo pude aprender muito sobre a prática de ogã na CEUG, através da mediação da entidade Zézinho Baiano. Na comunidade este espírito se manifesta através do ogã Murilo, que também é um médium desenvolvido. É comum a cena onde Murilo está exercendo sua função de ogã e interrompe subitamente o canto e a ação no atabaque, sendo tomado pelo ritual de incorporação. Em poucos segundos ele já não está mais tocando e um de seus guias assume seu corpo. Os guias não tocam os instrumentos, mas o espírito da entidade Zézinho Baiano freqüentemente se posiciona, por meio dele, na frente dos atabaques e conversa com os ogãs, transmitindo ensinamentos sobre os ritos e sobre as maneiras que devem tocar e cantar para favorecer determinadas energias que são necessárias para cada momento do ritual.⁸

Percebe-se que existe uma interdependência entre os ogãs e as entidades espirituais que determina suas aprendizagens. Os ogãs umbandistas evocam os orixás, os espíritos e as linhas que são convocadas a vir trabalhar no centro espírita através dos pontos e as entidades lhes indicam as melhores formas de tocarem para que as energias necessárias para a realização de suas atividades sejam estabelecidas através da comunicação musical. Nesta relação se o interesse é a aprendizagem musical observa-se que alguns ogãs desenvolveram grande senso da utilização das variações de dinâmica e andamento, repiques, breques e acentos rítmicos deslocados, com o intuito (nem sempre consciente) de ressaltar acontecimentos do ritual, ou de tentar manter as pessoas num fluxo comum de pensamentos despertados pelo conteúdo semântico da música.

⁸ Nestas situações pude aprender que cada momento do ritual precisa de uma firmeza, uma concentração, um estado de sintonia mental entre as pessoas que pode ser despertado pela música, pela sua realização e também por diferentes formas de tocar o instrumento, com mais ou menos força e velocidade, por exemplo. Estas diferentes formas de tocar devem estabelecer as condições energéticas ideais para o desenvolvimento do trabalho espiritual de cada linha, que possui energias específicas, que devem ser contempladas por meio dos toques. Por exemplo, diz-se que a linha de Baianos tem uma energia mais forte que a dos Preto-velhos, deste modo aprende-se a se tocar com maior intensidade e andamento para os primeiros. Outro exemplo mais palpável são os passes quando as entidades conversam com os indivíduos (que precisam lhe ouvir), deste modo as entidades aconselham os ogãs a não tocar muito alto, ou a somente cantar os pontos e bater palmas.

Pelo fato de que os trabalhos espirituais na CEUG já acontecem a um longo período, os ogãs que atuam na casa conhecem uma infinidade de pontos cantados cuja utilização é específica para cada situação. São tantos pontos que eles organizaram uma apostila categorizada para cada Orixá e linha da umbanda. Mas freqüentemente novos médiuns aderem às atividades da comunidade, e com eles novos espíritos ganham a chance de trabalhar na comunidade através de seus corpos. Também antigos médiuns podem ser elevados à categoria de Pais e Mães Pequenos e suas entidades ganham mais poder na hierarquia espiritual comandada por Pai Pedro sendo convocadas em todos os trabalhos espirituais.

Recentemente, uma importante mudança ocorreu na comunidade: um novo Orixá, Oiá-Tempo foi incorporado ao universo de representações sagradas que compõem o cosmo religioso umbandista da CEUG. Com ele uma nova linha, os Magos adquiriram o direito de trabalhar durante os cultos. Como cada Orixá, linha e espírito têm pontos específicos que os evocam, estas mudanças na estrutura do cosmo religioso obriga os ogãs a aprenderem novos pontos que satisfaçam a demanda por novos saberes que lhes é imposta por sua função no culto.

Quanto à aprendizagem destes pontos, eles podem ser transmitidos verbalmente pelas entidades, ou não. Quando um novo ponto é transmitido por uma entidade, através de um médium, o trabalho de aprendizagem consiste em memorizar a letra e a melodia do ponto e depois escrevê-lo, agregando anexos à apostila. Quando não, a exigência da atuação no culto os leva a um trabalho de pesquisa por pontos que não conhecem (recorrendo a sites na internet), ou então os obriga a criar novos pontos, por meio da composição musical temática.

3. Desenvolvimento dos processos de aprendizagem

Apesar de serem importantes as mediações das entidades espirituais que acontecem durante o ritual umbandista, elas não são as únicas experiências de aprendizagem que determinam o desenvolvimento dos ogãs. Existe uma importante rede de relações interpessoais, de troca de conhecimentos entre os membros da comunidade e entre os próprios ogãs que contribui decisivamente para suas aprendizagens dos ritos e práticas musicais. Estas relações acontecem tanto fora do culto, durante suas conversas informais, quanto durante o culto - quando estão submetidos às regras que regem o ritual, e aproveitam para praticar os instrumentos de percussão. Podem então experimentar novas técnicas de projeção sonora, improvisar sobre os toques, observar e utilizar a performance dos outros ogãs como modelos de referência para suas próprias performances.

Ao vivenciar o ritual coletivo junto com eles eu pude observar suas performances, perceber que utilizam diversos toques, que fazem o mesmo toque de maneiras diferentes e pude tocar junto com eles. Com isso desenvolvi uma estratégia para aprender os toques utilizados no culto: ouvia os toques e tentava decodificar os sons através de um trabalho mental que buscava entender o espaçamento de tempo que decorria entre cada novo ataque no instrumento; observava o movimento das suas mãos, tentando verificar a ordem em que se alternavam; experimentava por tentativa e erro junto com eles.

Ao perceber a variedade de toques e as diferenças entre eles comecei a tentar categorizá-los perguntando para os outros ogãs qual era cada um dos toques que eles estavam fazendo. A partir disso, fiz algo inédito para os ogãs da CEUG, transcrevi os toques – com base em conhecimentos de divisão métrica da música - num caderno de pesquisa de campo. Sistematizei então a relação com aqueles conhecimentos e pude praticar também em casa. Entretanto percebi que estes conhecimentos constituíam os elementos básicos da realização musical, espécies de bases rítmicas que percebi que os ogãs mais experientes utilizavam para improvisar repiques, variações com breques e diferentes acentos rítmicos com mais ou menos notas. Mesmo tendo sistematizado seus conhecimentos musicais, ficou claro que somente a prática num fluxo contínuo junto com eles levaria ao desenvolvimento da capacidade de improvisação sobre os toques que fazem: Nagô, Ijexá, Olodum, Maculelê, Samba de caboclo, Barravento, Afoxé, Samba de Angola, duas variações do Ijexá e uma variação do Barravento.

É interessante notar que, para os ogãs aprendizes que ingressaram na comunidade mais ou menos na mesma época que eu, o aprendizado acontece por meio da prática e às vezes se confunde com ela. Mas mesmo não havendo uma estratégia pré-definida de ensino-aprendizagem musical, nem uma sistematização dos conhecimentos musicais, através de uma lógica escrita, pode-se perceber a existência de uma postura pedagógica no ogã alabê que, ao perceber a dificuldade dos iniciantes no aprendizado dos toques, muda sua forma de tocar junto com eles, e lhes mostra os “esqueletos do toque”, um toque simplificado onde constam somente os acentos rítmicos que os definem. Este ritmo básico normalmente é feito apenas com uma das mãos, com isso os aprendizes conseguem acompanhar os ogãs mais experientes que, pelo domínio técnico da utilização de ambas as mãos, deslocam os acentos rítmicos de uma mão para outra preenchendo o ritmo básico com notas extras.

4. Considerações finais

A incorporação espírita é crucial ao rito umbandista, sendo central para o entendimento do desenvolvimento musical dos Ogãs. Além de exigir adaptações específicas na maneira de se tocar, para cada classe de espíritos, conforme a energia que cada um precisa para estabelecer o trabalho espiritual, a mediação dos espíritos é permeada por ensinamentos de costumes e práticas. Pode-se dizer que suas entidades religiosas despontam como “professores não-formais” cujas palavras são muito valorizadas por seus “discípulos” que procuram seguir seus ensinamentos. Por meio de suas entidades religiosas, os ogãs entendem que há uma relação entre a vibração espiritual e a vibração sonora que provém da música. Através de suas mediações eles aprendem a utilizar a música em função da vibração espiritual que afirmam sentir por conta do desenvolvimento mediúnico que acontece durante o ritual.

5. Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época das suas técnicas de reprodução**. In: coleção “Os Pensadores”, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BOURDIEU, Pierre, 1930. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Traduzido por Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papiрус, 1996. p. 137-156

LAHIRE, Bernard. Reflexões ou prolongamentos críticos? **Educação & sociedade**: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Educação e Sociedade. Campinas, CEDES, 2002. p. 37-55

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.